

*Histórias da docência no
CEART: depoimentos de
professores*

Teresa Mateiro

Este artigo tem como objetivo introduzir os cinco artigos seguintes que apresentam a trajetória docente e as experiências vividas no Centro de Artes por professores dos diversos departamentos. Portanto, esta coletânea de seis textos, é uma forma de devolver histórias por meio de palavras que fazem parte dos 30 anos do Centro de Artes. O trabalho está fundamentado na História Oral como um canal de comunicação entre a subjetividade individual e coletiva de um grupo social. O projeto que se apresenta pode ser um ponto de partida para se recuperar depoimentos orais de docentes, discentes e técnicos que atuam ou atuaram no CEART.

Palavras-chave: História oral; Professores; Subjetividade.

Introdução

Trinta anos se passaram e constatando os poucos registros que há sobre a história do Centro de Artes (CEART), desde a sua criação no ano de 1985, verificou-se a necessidade de iniciar algum tipo de sistematização. O Projeto Histórias da Docência no CEART: depoimentos de professores, desenvolvido na disciplina de Educação Musical e Formação Docente¹ do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Música, no segundo semestre de 2014, propôs recuperar experiências, lembranças, fatos relevantes e casos pitorescos vividos por professores.

O foco foi o exercício da docência e a atuação dos professores no CEART nas dimensões de ensino, pesquisa, extensão e administração. Além disso, pretendeu-se destacar também a formação docente como professores e professores formadores. Assim, os objetivos principais foram: (a) recuperar, através de depoimentos de professores, histórias relacionadas com o CEART e (b) registrar experiências, lembranças, projetos relevantes e casos pitorescos vividos por professores no CEART. Dessa forma, foram selecionados professores representantes de cada um dos cinco departamentos: Departamento de Música (DMU), Departamento de Artes Cênicas (DAC), Departamento de Artes Visuais (DAV), Departamento de Moda (DMO) e Departamento de Design (DDE).

¹ O projeto foi coordenado por mim e pela Professora Dr^a Jusamara Souza (UFRGS), professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Música, CEART/UDESC.

Para a seleção dos cinco professores foram pensados os seguintes critérios: estar atuando no CEART há mais de quinze anos; ter sido chefe de departamento ou estar no momento nesse cargo; pelo menos um dos professores ser um professor aposentado; e, considerar a questão de gênero, ou seja, incluir homens e mulheres. Assim, fizeram parte do projeto supracitado os seguintes professores: Maria Bernardete Castelán Póvoas (DMU), Valmor Beltrame (DAC), Jandira Lorenz (DAV), Mara Rúbia Sant'Anna (DMO) e Célio Teodorico dos Santos (DDE).

Narrativas, memória e subjetividade

A memória e a oralidade é para os povos ágrafos a garantia de guardar os feitos e fatos que vão sendo contados para o grupo, constituindo assim sua história (FERREIRA; GROSSI, 2004). Ao se verificar que a história do CEART tem sido pouco registrada, buscaram-se suportes metodológicos nas entrevistas de História Oral Temática, pois proporcionam uma narrativa que supõe uma relação entre memória e história acerca de um fato ou acontecimento (ROUCHOU, 2000). Rouchou diz que “Onde não há documentação recorre-se à História Oral” (p.176).

A história oral é definida como o estudo das representações do presente sobre o passado, tendo a memória como matéria e objeto de interesse do historiador (FERREIRA; GROSSI, 2004). Os professores que aceitaram participar do projeto, assim como o grupo de mestrandos, comprometeram-se com o fazer histórico. Por um lado, os professores exprimiram seus pensamentos, comunicaram-se, fizeram-se conhecer e, por outro, os mestrandos à procura de significações buscaram compreender, a partir de uma escuta sensível, as cenas que representassem cada um dos sujeitos.

A tentativa foi procurar desvendar e compreender por meio de relatos pessoais vividos, histórias relacionadas com o CEART e, em especial, com a docência. Ferreira e Grossi (2004, p.44) destacam que “o sentido não é reproduzir o acontecido e sim construir o vivido através de palavras, imagens, discursos. Confere-se ao sujeito o poder de dizer, dizer-se, dizer-nos, o poder de resistir em sua singularidade, procurando apenas uma abertura dialógica”. Nesse sentido, as entrevistas foram elaboradas de forma que os professores falassem sobre assuntos pontuais,

seguindo assim as características da História Oral Temática.

Para alcançar os objetivos propostos, os professores foram entrevistados pelos mestrandos matriculados na disciplina de Educação Musical e Formação Docente: Rafael Dias, Jeasir Rego, Helena Garcia Vasconcelos, Marisleusa de Souza e Vitor Hugo Rodrigues Mankze². Inicialmente, o convite a cada um dos professores foi feito por mim e, em seguida, os contatos para a realização das entrevistas foram feitos por cada um dos mestrandos. A entrevista, como fonte para a pesquisa histórica foi, portanto, a técnica fundamental utilizada para dar voz aos professores e, assim, produzir textos baseados nas breves conversas que ocorreram entre eles e os acadêmicos.

As entrevistas foram realizadas no ambiente do CEART, com exceção da entrevista com a professora Jandira Lorenz, já aposentada, que aconteceu em um estúdio de arte vítrea, localizado na Lagoa da Conceição, em Florianópolis. Seguiram um roteiro comum previamente elaborado pelo grupo, composto pelos seguintes temas: ingresso no CEART; formação acadêmica; identidade profissional; área e disciplinas de atuação nos cursos do Centro; fatos, experiências e projetos de ensino, pesquisa e extensão mais relevantes; e, a percepção dos professores sobre o CEART no tempo passado, presente e futuro. O roteiro foi o fio condutor para que as entrevistas acontecessem em forma de diálogo, este tão característico da História Oral Temática.

Os temas foram incorporados aos cinco textos que montam uma história apresentada por meio de várias facetas. Entretanto, antes da redação de cada um dos artigos, as entrevistas, então gravadas, algumas em áudio e outras em vídeo, foram transcritas de forma literal, constituindo-se na primeira versão escrita do depoimento (ROUCHOU, 2000). Em seguida, passou-se para a conferência de fidelidade quando a transcrição foi enviada aos respectivos professores para leitura e alterações necessárias. As transcrições foram, então, novamente revisadas pelos mestrandos.

Nesse momento, iniciou-se o processo de escrita que caracterizou-se pela montagem de cinco histórias a partir do passado, mas com sua vinculação ao momento presente. Esses procedimentos visam ao estabelecimento de uma conduta ética, afinal as entrevistas servem como documentos sobre assuntos escolhidos (ROUCHOU, 2000). Conversar com cada um dos professores, seja no estúdio de arte vítrea, na Lagoa da Conceição, ou em suas salas de trabalho no campus da UDESC,

² Por razões de força maior o mestrando não pode terminar o trabalho e, por isso, Ana Ester Correia Madeira foi convidada a substituí-lo.

no Itacorubi, implicou em um envolvimento de ambas as partes que pressupõe uma boa relação, respeito, clareza e confiança.

Representações do presente sobre o passado

A professora Jandira Lorenz, entrevistada por Helena Garcia Vasconcelos, já está aposentada e representa, neste dossiê, o DAV. A professora Maria Bernardete Castelán Póvoas, com 40 anos de serviço continua ativa no DMU e, gentilmente, conversou com Rafael Dias, contanto sua trajetória. O professor Valmor Beltrame, conhecido por todos por Nini, aguardando sua aposentadoria foi entrevistado por seu já conhecido Jeasir Rego. A professora Mara Rubia, atual chefe do DMO e atuando no CEART há 18 anos conversou com Marisleusa de Souza Egg. O professor Célio Teodorico dos Santos, do DDE e que trabalha no CEART há 19 anos, contou sua história para Vitor Hugo Rodrigues Mankze, mas foi Ana Ester Correia Madeira que montou e transformou a entrevista em um documento histórico.

Musicista professora, professor artista, professora e artista, professora e historiadora, designer e professor: foi assim que os entrevistados se identificaram em meio a histórias de formação e crises de identidade. O que no início parecia um grande dilema entre duas possíveis identidades, ao longo de suas carreiras foi se ajustando e as possibilidades de conciliação foram tornando-se cada vez mais reais, reconstruindo as identidades profissionais. Isso reitera o que Veira (1999) diz: identidade implica tradição e tradição implica história, ou seja, a tradição representa uma continuidade do passado.

Em comum, esses cinco professores também têm o fato de algum dia terem sido Chefes de Departamento: Maria Bernardete, além de ter sido chefe do DMU, atualmente como subchefe, já ocupou outros cargos administrativos; semelhante trajetória administrativa teve o Nini que também foi chefe do DAC em alternância a tantas outras funções; Jandira foi a primeira chefe de departamento, na época do curso de Educação Artística; Mara Rúbia é a atual chefe do DMO; e, Célio foi chefe do DDE por três vezes.

Os depoimentos trazem ainda situações vividas e revividas através de uma viagem no tempo por cada um desses professores no contexto do CEART. Entre elas, citam-se, por exemplo: a história de Célio que acabou em discussão com outro professor, pois os trabalhos

de gesso para o Design ocuparam a mesa da mesma sala onde as aulas de cerâmica aconteciam, e o relato que a professora Jandira conta emocionada sobre os alunos que queriam ser reprovados para fazer mais uma vez a disciplina com ela. Essas memórias se tornam história, pois a partir deste volume estão registradas e, de algum modo, ocuparão um lugar na história coletiva acadêmica.

O CEART na percepção desse grupo de professores é bastante semelhante, uma vez que, por um lado, eles destacam a “expansão”, as “mudanças fundantes” e o “rápido crescimento” do Centro e, por outro, reconhecem que antes o trabalho era “menos burocrático”, havia “mais integração” entre os departamentos e as pessoas não eram tão “dispersas” como agora. Acreditam que é um “espaço rico em pluralidade”, que está mais “próximo do que seja uma universidade” e, por isso, “há um longo caminho a percorrer”.

Considerações Finais

Como capítulo introdutório aos seguintes desta seção, Artigos – Tempo Presente, propôs-se aqui descrever brevemente sobre: as razões que motivaram a realização de um projeto dessa natureza; os fundamentos teóricos que sustentaram a escolha metodológica da História Oral Temática; as etapas para a efetivação das entrevistas e construção das cinco histórias; e, por fim, algumas representações comuns entre os fatos narrados que compõem parte da história do Centro de Artes.

O presente projeto pode ser um ponto de partida para se recuperar depoimentos orais de docentes que atuam ou atuaram no CEART. As cinco entrevistas podem marcar o início desse registro, dessa história que não é totalizante, porém essencial na construção da identidade de um grupo social. Da mesma forma, poderia-se ampliar o projeto para além dos professores, incluindo alunos – calouros, veteranos e egressos – e técnicos administrativos.

Agradecimentos

Aos professores Maria Bernardete Castelán Póvoas, Valmor Beltrame, Jandira Lorenz, Mara Rúbia Sant’Anna e Célio Teodorico dos Santos por terem tornado possível, por meio de suas palavras, a construção da história coletiva do CEART.

Referências

FERREIRA, Amauri Carlos; GROSSI, Yonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. *História Oral*, v.7, 2004, p.41-59.

ROUCHOU, Jöelle. História Oral: entrevista-reportagem x entrevista-história. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v.23, n.1, 2000, p.175-185.

VIEIRA, Ricardo. *Histórias de vida e identidades*. Professores e Interculturalidade. Porto: Afrontamento, 1999.